

Cultura!



Véi Secatto

Saudades do meu querido avô, meu xará Oswaldo (com 'w'), o homem responsável pela secattaiada espalhada por aí... Pág. C2

'Ninguém nasce herói'

Livro de Eric Novello trata do perigo e da ameaça da crescente onda de preconceito e intolerância Pág. C3

'O cravo despedaçado'

As lembranças de um jardim...
...e suas rosas
Pág. C3

SILÊNCIO NO MUNDO: UMA DÉCADA SEM PAVAROTTI

Em 2007 morria aos 71 anos o dono de uma das maiores vozes da história da música: Luciano Pavarotti perdia a luta contra um câncer no pâncreas. Mas seu legado é indelével
Pág. C4



Família

Em 2017 eu lembro os dez anos da morte do meu querido avô Oswaldo Secatto, o responsável por toda a secattaiada que está aqui hoje — inclusive eu



Oswaldo Secatto

★ 07/02/1930

+ 09/08/2007

DEZ ANOS SEM O VÉI SECATTO

O. A. SECATTO

“**M**eu vô é o homem mais alto e mais forte que eu conheço!”, eu dizia quando era bem pequeno. Sua figura me fascinava: aquele talianão alto, sério e rigoroso, que não falava muito, mas demonstrava seu carinho no olhar, que fosse, e em pequenos gestos. E era sempre uma alegria quando ele e minha vô, a dona Dirce, vinham para Fernandópolis passar alguns dias.

Minha vô — ou “D’tê”, como o Vêi Secatto carinhosamente a chamava [talvez em dialeto vênето, não sei] — cozava o dia inteiro dentro à viagem na passinha: além das malas, ela fazia meu vô carregar — como ela mesma carregava — infinitas sacolas. Traziam *crustoli*, palitos de cebola, queijo, doce de leite, doce de abóbora, pão caseiro, bolacha de nata, pudim de pão, bolos e bolos e mais bolos. Exagerada como toda *nonna* italiana.

Vinham de ônibus — meu vô nunca aprendeu nem quis aprender a dirigir; na sua cidade, Monte Alto, locomovia-se a pé ou de bicicleta. Às vezes chegavam de surpresa, o táxi já na porta de casa — surpresa que a gente adorava!, mas deixava meu pai bravo: “Por que não avisaram? Eu ia buscar vocês na rodoviária!”

Fazíamos a maior festa. Um a um, antes do abraço apertado e depois de meu pai, eu e meus irmãos pedíamos sua bênção: “Bença, vô”. Beijávamos sua mão calejada e só o abraçávamos depois de ouvir “Deus te abençoe, meu fio”. Nem dava tempo de descansar da viagem, lá estava ele, discípulo de Aulê, como Fêanor, criando coisas e consertando outras com a habilidade das mãos. Meu irmão caçula puxou isso a ele, tanto que herdou suas ferramentas por expressa vontade do Vêi Secatto. Fazia-se à vontade com as ferramentas: endireitava tudo que parecia tê-lo esperando todos aqueles meses. Telhado, parede, porta, mesa, portão, cadeira, janela, varal: consertava e pintava tudo.

Dormia e acordava muito cedo, trazia o pão para o café da manhã e esperava todo mundo acordar. Subia até o Frangão a pé e, às vezes, para minha alegria, aceitava que eu fosse com ele. Naquela calçada eu me sentia protegido sob sua sombra. Ansiava por, um dia, fazer por merecer meu nome — xará do vô Vardo. Uma responsabilidade e tanto. Pois ele sempre foi o exemplo de integridade e princípios, a referência moral para toda a família, mesmo em sua simplicidade de homem do campo que se tornou servidor público municipal em sua cidade e, de fato, mantinha sua família com o suor de seu rosto: dedicava-se às frentes de trabalho — serviço braçal — até ser transferido para zelar do cemitério — que ganhou cuidados como nunca antes com sua chegada —, onde se aposentou.

Meu vô, assim como foi para mim, era e sempre será o ídolo de meu pai. Sou Oswaldo em sua homenagem — apesar de ele grafar o nome mais próximo do original, com “w”. Oswaldo deriva de Oswaldo, forma romanizada de *Oswald*, que, como informa o site *etymonline.com*, origina-se do inglês antigo *Oswæld* “deus poderoso”,

“deus governante”, a partir do inglês antigo Os “deus” (apenas em nomes próprios), este do protoindo-europeu **ansu-* “espírito”, associado ao inglês antigo (*ge*)*weald* “poder”. Um nome de respeito.

(Meu vô Antonio, pai de minha mãe e razão de meu segundo nome, eu não conheci: ele partiu antes.)

O senhor nos faz falta, vô. Faz muita falta para mim. Não é a mesma coisa sem o senhor. Pois o senhor dava mais sentido às nossas buscas e a cada uma de nossas conquistas. Era também com o senhor que eu dividia cada alegria de cada degrau da vida: a aprovação no difícil vestibular, a saída de casa para estudar Direito em outra cidade, a formatura de seu “primeiro neto com diploma” — “doutor”, como o senhor dizia com orgulho —, a aprovação no disputado concurso público do Tribunal de Justiça de São Paulo, a classificação que me permitiu ficar na minha própria cidade, a compra do primeiro carro e a aquisição do terreno onde hoje está minha casa. Queria que o senhor tivesse visto a casa que construí com a minha Bella, que tivesse festejado comigo o meu casamento, que tivesse acompanhado meu progresso na carreira, que tivesse conhecido minha pequena Laura, sua bisneta, a coisa mais linda deste mundo. Queria eu aninhá-la no colo do senhor para que ela também recebesse sua bênção, como tantos anos eu recebi.

O Vêi Secatto sempre foi um homem muito sério, sisudo até, bravo. Para os filhos — minha tia Wilma, meu pai Henrique e meu tio Zete — bastava um olhar. Diziam-me que o vô nunca encostara a mão neles. Bastava um olhar. Tenho a lembrança de uma vez, quando muito pequeno, estar ao redor do vô na casa de meus pais enquanto ele brandia as ferramentas, consertando algo. Ficou bravo e me expulsou: criança não era para ficar perto de homem trabalhando. Era para que não nos machucássemos, depois entendi. Mas aquele temor reverencial que tínhamos por ele era algo mágico.

Com o tempo, a chuva do tempo e o vento da vida foram desbastando aquela camada sisuda e, mais e mais, foram mostrando a verdadeira personalidade do vô: um palhaço. Especialmente com os netos mais novos, filhos do tio Zete. Tudo que proibira aos filhos agora autorizava aos netos: brincava, contava piadas, caçoava e troçava de tudo e de todos, passava trotes na gente ao telefone, atendia como um senhor japonês — “Arô, arô?” —. Rimos muito dele e mais ainda com ele. Todos esses momentos estão gravados na memória e são indelévels.

Sinto-me repleto, o tanto possível, ao lembrar que tudo quanto pude fiz para ele em vida: aproveitei meu vô ao máximo. Eu, meu irmão Gilber e meu primo Ró — este também já nos deixou — visitamos o Vêi Secatto no hospital alguns dias antes de ele partir. Ele na cama, ligado a aparelhos para compensar seu coração já tão enfraquecido, minha vô passando as noites num sofá, sem deixá-lo. Passamos a tarde com ele, que já falava com a voz bem baixa e fraca. Disse à vô do orgulho que ele tinha dos filhos e dos netos, do quanto ele estava rea-



lizado como pai, como avô, como homem. Mais tarde minha vô nos repetiria suas palavras: “D’tê, você viu nossos netos? Todos são homens já, homens de bem. A gente não falhou, viu? Eu tenho muito orgulho deles. Já posso partir em paz.”

Não haveria de ser por menos que, após sua morte naquele dia 9 de agosto de 2007, eu tivesse um piripaque; o primeiro, não o último.

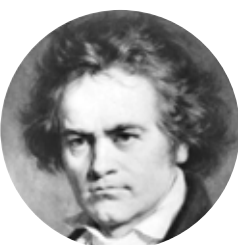
Vô, meu xará, todo dia o senhor nos dá força para continuar. As lágrimas que derramamos pelo senhor são preciosas. Carregamos seu nome adiante e nos guiamos por seu exemplo, sempre. Mas a saudade será sempre imensa.

A ausência do senhor no mundo é sentida. Eu sinto.

Família. (acima)

Meus avós Oswaldo e Dirce, comigo no colo, em meu batizado; (abaixo) meu pai, Henrique, e avó Dirce, o Vêi Secatto, a tia Wilma e o tio Zete, na comemoração dos 50 anos de casados

Palavra



“Não existe verdadeira inteligência sem bondade. (...) A verdadeira arte é imperecível.”

LUDWIG VAN BEETHOVEN

NASCIDO EM BONN, ALEMANHA, EM 1770, UM DOS MAIORES COMPOSITORES DA HISTÓRIA, AUTOR DA ÓPERA “FIDELIO” E DA “SINFONIA Nº 9 EM RÉ MENOR”, DENTRE TANTAS CRIAÇÕES MUSICAIS INESQUECÍVEIS, MORREU EM VIENA, EM 1827.

Ludwig Van Beethoven



Cultural! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Literatura

Numa época de incertezas e preconceitos, *Ninguém nasce herói*, novo livro de Eric Novello, é um comovente e necessário apelo contra a intolerância

‘NINGUÉM NASCE HERÓI’ E O GRITO DE RESISTÊNCIA DOS ESCRITORES

BRUNO ANSELM MATANGRANO

Uma semana antes dos episódios vergonhosos ocorridos no último dia 13 de agosto, na cidadezinha americana de Charlottesville, a livraria Saraiva do Shopping Pátio Paulista recebia horas de filas de leitores entusiasmados para pegar um autógrafo em seus exemplares de *Ninguém nasce herói* (Editora Seguinte), o novíssimo livro de Eric Novello, autor de *Exorcismos*, *Amores & uma dose de blues* (Ed. Gutenberg), *Neon Azul* (Ed. Draco), dentre outros.

Talvez você esteja se perguntando o que uma marcha neonazista ocorrida nos confins do estado americano da Virgínia, que acabou em conflito e resultou na morte de alguns inocentes, tem a ver com o belo livro de capa preta e colorida recém-publicado pelo selo jovem da Cia. das Letras, uma das mais tradicionais editoras brasileiras. A resposta é, por mais surpreendente que possa parecer ao leitor desavisado, ambos têm *tudo a ver*, pois *Ninguém nasce herói*, assim como outros grandes livros contemporâneos (penso em *Homens Elegantes*, de Samir Machado de Machado, ou a HQ *Savana de Pedra*, roteirizada por Felipe Castilho, por exemplo), certamente não existiria (ou, ao menos, não na forma como foi escrito) se não estivéssemos vivendo um momento tão perigoso de conservadorismo e consequente preconceito, intolerância e fanatismo. Livros como este são gritos de resistência contra tudo isso, apresentados em meio a belas — e bastante dolorosas — histórias, como a da nova obra de Eric Novello.

Ninguém nasce herói é uma distopia, ou seja, um livro que se passa em um futuro ainda pior do que o nosso presente; nele, vemos uma São Paulo alternativa bastante similar à São Paulo real, em um Brasil que vive sob uma lamentável ditadura religiosa, que prega a intolerância a todos aqueles considerados diferentes, que por

tantos séculos lutaram para conquistar e assegurar seus direitos mais básicos, isto é, mulheres, negros, gays, transgêneros e outras minorias, que, infelizmente, ainda são perseguidas dentro e fora dos livros, como Charlottesville tão realisticamente ilustrou.

Com este contexto macabro como pano de fundo, conhecemos Chuvisco, parte nome, parte apelido da personagem principal, um jovem tradutor com seus 20 e poucos anos, que junto com seus seletos amigos, Pedro, Cael, Amanda e Gabi tenta ajudar o mundo como pode, através de pequenos gestos de generosidade, seja doando um livro em uma praça pública, seja visitando uma ONG de crianças LGBT, seja fazendo coro ao protesto de uma marcha na Paulista; assim, por meio deste trabalho de formiguinha, calcando pedra sobre pedra, erguem uma defesa sedimentada na amizade e na empatia contra os fundamentalistas.

Ninguém nasce herói é uma distopia, ou seja, um livro que se passa em um futuro ainda pior do que o nosso presente

Ao contrário das sagas distópicas da moda, como *Jogos Vorazes* ou *Divergente*, a obra de Novello não acompanha a façanha de um grupo de escolhidos lutando contra o sistema até por fim derrubá-lo, restabelecendo a justiça (até há um Escolhido, mas este é o grande vilão, travestido de presidente); ao contrário, o mundo de Eric é bem mais realista (por falta de palavra melhor), na medida em que acompanhamos um grupo de jovens absolutamente normais, sem habilidades ou poderes extraordinários ou especiais, que vive o seu dia a dia, como quaisquer outros jovens idealistas, à sombra de uma ditadura, lutando em sua vida cotidiana para exercer cada pequeno direito cerceado pelo governo do Escolhido, este grande facinora que tenta bancar o bom moço, enquanto deixa facções de fanáticos fascistas caçarem minorias nesta São Paulo dividida, aos brados de gritos intolerantes, como os que ecoaram em Charlottesville, em nome da discriminação e do preconceito.

É justamente por isso, e para evitar que o triste Brasil distópico profetizado por Novello se torne realidade, que con-



Autor. (acima) O escritor Eric Novello; (acima, à esq.) a capa do livro 'Ninguém nasce herói'

vido a todos a lerem e a refletirem sobre *Ninguém nasce herói*, torcendo para que tais experiências nunca saiam do livro para assombrar a realidade; pois, ainda que os neonazistas de Charlottesville e outras aberrações estejam por aí para mostrar que o tempo das reais distopias está mais próximo do que nunca, os gritos de apelo e de alerta dos escritores, que já perceberam o perigo há tempos, estão por

toda parte nos mostrando os riscos com todas as letras.

O perigo está à espreita, o aviso foi dado. Até quando o mundo vai ignorá-lo?

* **BRUNO ANSELM MATANGRANO**, TRADUTOR E AUTOR DE DIVERSOS CONTOS E ARTIGOS, É MESTRE E DOUTORANDO EM LETRAS PELA USP

Crônica

O CRAVO DESPEDAÇADO

ISABELAZARDA

“Você diz que ama a chuva, mas você abre seu guarda-chuva quando chove. Você diz que ama o sol, mas você procura um ponto de sombra quando o sol brilha. Você diz que ama o vento, mas você fecha as janelas quando o vento sopra. É por isso que eu tenho medo. Você também diz que me ama...”

William Shakespeare

Do banco da praça, aprecio o jardim. Tão bonito e colorido, todas as espécies de pássaros parecem morar ali. Mas, do outro lado dele, está um velho, que também aprecia o jardim. Um homem, cujos cabelos estão preenchidos com a cor da paz, mostrava a tranquilidade de alguém que descobriu a fórmula do viver.

Eu o observava, acompanhando cada detalhe seu, e foi quando percebi que com seus passos lentos aproximava-se de mim. Sentou-se trazendo uma áurea boa que acalmou a minha alma. Olhei para as suas mãos já bem enrugadas, que carregavam marcas de muitas histórias, quando ele as apoiou em meu ombro num gesto amigável, dizendo:

— Como é lindo esse jardim, não é, filha?

Eu sem jeito, apenas fui sincera: — Eu nunca me canso de vir até aqui. Gosto de sentir a brisa, que traz o cheiro das mais belas flores!

— Sim, e quantas vezes, aqui deste mesmo banco, eu ouvia uma linda canção, que dizia “Entre no jardim das flores, apanhei Rosa Maria, Roselina e Roseli era a flor que me queria, ainda deixei a Rosa, que chorando me pedia: ‘Quando entrou no meu jardim, você era só pra mim e eu te esperava todo dia’...” — Eu nunca vi rosas nesse jardim...

— Ah, você pode não ter visto, mas nesse jardim, já houve muitas rosas. Dentre elas tinha uma que mais se destacava, ainda posso sentir o doce perfume que exalava e lembro-me muito bem do vermelho vivo de suas pétalas.

— O senhor levou-a embora?

— Embrulhei-a em meus braços e transportei-a com cuidado para o meu mundo. Assim, regava-a sempre, eu a dava luz, sombra, dava-lhe muito carinho, plantei-a no jardim do meu coração.

— Meu senhor, mas onde se encontra essa mais bela flor agora?

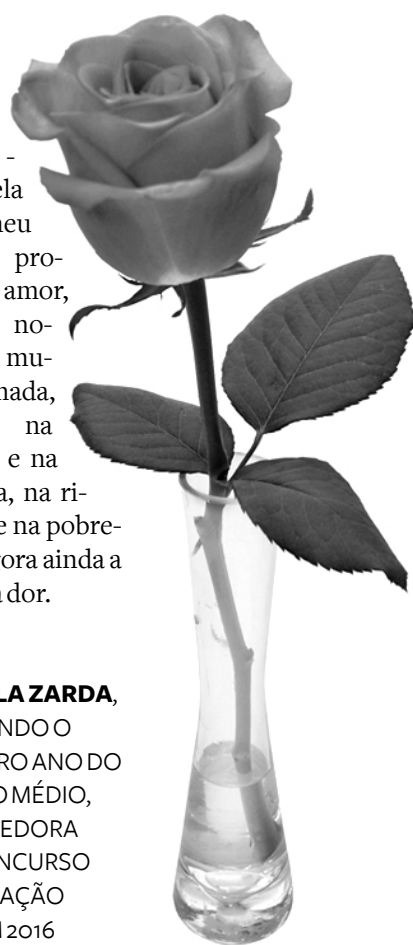
— Ah, menina, se eu lhe contar, não acredita! Essa rosa usou do seu espinho e deixou-me despedaçado, eu lhe jurei amor eterno e ela partiu, deixando marcas profundas de suas raízes no meu jardim.

— E o senhor lembra qual o nome dessa rosa?

— Não tem como esquecer, foram os meus melhores dias, sonhei e a fiz sonhar,

c u i - dei dela com meu mais profundo amor, o seu nome é mulher amada, amei-a na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, e agora ainda a amo na dor.

* **ISABELAZARDA**, CURSANDO O PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO, É VENCEDORA DO CONCURSO DE REDAÇÃO TVTEM 2016



Música

Em 2017 são lembrados os dez anos da morte de Luciano Pavarotti, tantas vezes chamado de ‘tenor das multidões’ por repopularizar a ópera

**Luciano Pavarotti**

★ 12/10/1935

+ 06/09/2007

DEZ ANOS SEM PAVAROTTI**O.A. SECATTO**

“**M**a il mio mistero è chiuso in me, il nome mio nessun saprà!

No, no, sulla tua bocca lo dirò quando la luce splenderà!” Depois, claro, o final “*All’alba vincerò! Vincerò! Vincerò!*”. Foram essas estrofes, na voz inconfundível do gordinho barbudo, que mudaram minha vida. Pois a música — os gêneros que apreciamos — define muito do que somos e queremos ser.

A ária é *Nessun dorma!*, da ópera *Turandot*, de Giacomo Puccini, cantada pelo misterioso e apaixonado príncipe tártaro Calaf após vencer o desafio de três enigmas da princesa chinesa Turandot — o que lhe garantia sua mão em casamento — e, para conquistá-la, propor a ela um único: que diga seu nome antes do amanhecer; se o fizer, o príncipe deixa-se decapitar — como se tivesse perdido o desafio anterior.

No embalo do concerto dos Três Tenores de 7 de julho de 1990, em Roma, José Carreras, Plácido Domingo e Luciano Pavarotti estavam juntos novamente. Desta vez, em San Francisco (EUA), em 16 de julho de 1994, véspera da final entre as seleções do Brasil (nossa) e da Itália (do gordinho barbudo) pela Copa do Mundo. Enfim, o jogo não acabou

bem para o Pavarotti, mas... Fora o fato do tetrabrasileiro de futebol, o tenor italiano deixava uma marca na história da música — e em mim: nunca alguém cantou *Nessun dorma!* como Pavarotti; e nem ele mesmo jamais cantou como naquela noite. Insuperável. (Para ver, ouvir e comprovar, no YouTube, digite: “Pavarotti Nessun Dorma 1994”.)

Eu tinha treze anos e ainda não encontrara “a minha música”: ouvia sertanejo nas fitas cassete de meu pai e músicas italianas do curso da língua que fizera, além de tantas outras de tantos gêneros. Até que o inexplicável ocorreu.

Transmitiram o concerto de encerramento da Copa de 1994 na tevê aberta. Era sábado à noite. Inexplicavelmente, deixei o videocassete gravando e fui dormir — o dia seguinte era de trabalho logo cedo no Frangão: não dava para ficar acordado até tarde. No domingo, depois do trampo, passei a assistir à fita. Sem muito entusiasmo. Acelerava a reprodução de alguns trechos, deixava reproduzir outros. Até que, sabe Deus lá por que, apertei “play” bem na vez daquele barbudo, a gravata-borboleta enorme para conseguir dar a volta naquele pescoço avantajado.

Foi uma figura intensa e também controversa; além da voz, única, o que Pavarotti tinha de sobra era carisma

A ária começa lenta, uma conversa com a princesa ausente e, de repente, uma melodia arrebatadora: “*Ma il mio mistero è chiuso in me...*” Então, algo inevitável: fui tomado de um arrepio completo, revirei-me no sofá e vidrei na tela. “Essa é uma das coisas mais lindas que já ouvi...” Ele continua: “*Sulla tua bocca lo dirò...*” Agudos belíssimos, seguidos, a voz límpida e potente, um encantamento. “Como será o final disso?!” Após o coro que lamenta o fato de que ninguém descobrirá o nome do misterioso príncipe, a retomada: “*Dilegua, o notte! Tramontate, stelle!*...” Eu: “Tem mais? Tem mais?!”

Tinha.

“*All’alba vincerò!*”

Eu no sofá, sem pisar,

já inquieto, por

levantar. “*Vincerò!*”

Eu no sofá, com os

olhos arregalados. “*Vinceeeeeeeeeerò!*”

Nove segundos de um agudo heroico, victorioso e insuperável.

Eu saltei do sofá e fiquei em pé, imóvel diante da tela, tomado por uma emoção indescritível. A expressão no rosto do Pavarotti. “É disso que eu gosto. É isso que eu quero ouvir!”

Desde então, nunca mais abandonei a ópera; e ela também não me abandonou.

O filho de Fernando Pavarotti e Adele Venturi nasceu em Modena (Itália), em 12 de outubro de 1935; morreu na mesma cidade, em 6 de setembro de 2007. Nessas quase 72 anos de vida, fez muitas coisas. Algumas boas; outras não lá tão boas.

Seu pai era padeiro e tenor amador. O pequeno Luciano, ao ouvir o pai cantar em casa, subia na mesa, arriscava algumas notas de *La donna è mobile* e dizia: “Meu pai é um tenor e eu sou um tenorzinho!” Ambos cantavam no coral local.

Luciano quis ser jogador de futebol, foi professor primário e corretor de seguros. Mas o encanto pela música falou mais alto e, enquanto trabalhava para sobreviver e pagas suas aulas, estudou canto. E o mundo nunca mais foi o mesmo.

Começou sua carreira profissional em 1961 na Itália. Mas, como santo de casa não faz milagre, tornou-se realmente conhecido apenas em 1965, em terras australianas, durante turnê com a soprano Joan Sutherland — esta também um primor de voz. No início da década de 1970, apresentou-se no Teatro Alla Scala de Milão e, nos Estados Unidos, no Metropolitan Opera House, onde cantou o papel de Tonio da ópera *La Fille du Régiment*, de Gaetano Donizetti: arrebatou o público com a voz potente e cristalina ao encarar a ária *Ah, mes amis!... Pour mon âme*. Ganhou fama mundial com seu tom brilhante e belo, em especial pelo alcance vocal: registro médio elegante e agudos com uma facilidade assustadora e invejável. Não parou mais.

São memoráveis suas interpretações do Duque de Mântua,

do *Rigoletto*, do Alfredo de *La Traviata*, do Manrico de *Il Trovatore*, do Riccardo de *Un Ballo in Maschera*, do Radamés de *Aida*, todas de Giuseppe Verdi, do Nemorino de *L’Elisir d’Amore*, de Gaetano Donizetti, do Cavaradossi de *Tosca*, do Pinkerton de *Madama Butterfly* e do Rodolfo de *La Bohème*, estas de Giacomo Puccini. Sua gravação de *Messa da Requiem*, de Verdi, com Nicolai Ghiurov, Leontyne Price e Fiorenza Cossotto, e regência de Herbert von Karajan, é referência desde 1967. Para mim, insuperável. Despediu-se da ópera no palco do Metropolitan Opera House de Nova York, em 2004, com récita de *Tosca*, quando foi aplaudido por onze minutos ininterruptos.

Nesse meio-tempo abraçou a popularidade e tornou-se pop.

Ao ar livre, realizou concertos televisados no Hyde Park, em Londres, para um público de 150 mil pessoas; em 1993, para mais de 500 mil pessoas no Central Park, em Nova York, apenas para citar alguns.

Em sua cidade natal, entre os anos de 1992 e 2003, realizou os concertos beneficentes *Pavarotti & Friends*, em que dividiu o palco com grandes nomes de diversos gêneros musicais: Andrea Bocelli, Zucchero, Eros Ramazzotti, Eric Clapton, James Brown, Ricky Martin, Simon Le Bon, Laura Pausini, Elton John, Bryan Adams, Queen, Céline Dion, Jon Bon Jovi, Michael Bolton, Stevie Wonder, Queen.

Em 2000, os Três Tenores vieram ao Brasil e se apresentaram em São Paulo, no Morumbi. Esse gosto ninguém me tira: posso dizer que ouvi o Pavarotti cantando ao vivo. E lá estava minha Bella esposa, mobilizando a família inteira da minha sogra para a execução da logística de nos levar ao estádio — e, quem sabia?, trazer-nos de volta.

Foi uma figura intensa e também controversa. Em 1996, já com 61 anos, separou-se de Adua — com quem teve três filhas — após 36 anos de casamento, para assumir sua relação com sua secretária particular Nicoletta Mantovani — com quem teve uma filha. Cancelava compromissos, récitas, concertos; deixava agentes, diretores e produtores malucos. Discutia e brigava com maestros. Personalidade forte.

Além da voz, única, Pavarotti foi muito do que foi graças a um elemento que tantos de seu tempo e sua arte invejavam, mas não tiveram: carisma.

Carisma é como talento: ou você tem ou não tem. O gordinho barbudo tinha. Em quantidades proporcionais à sua circunferência abdominal.

Mesmo nunca tendo-o conhecido pessoalmente nem dado o abraço de fã que eu gostaria, o gordinho barbudo, desde 1994, era uma figura muito próxima para mim.

Sua ausência no mundo é sentida.

Eu sinto.

Família.

O terton com os pais Fernando e Adele



Chapistaos